

Simmel, Lacan e Freud. Economia monetária, economia do gozo

Marina Di Carlo

A leitura do Seminário *A Ética da Psicanálise* transmite um ritmo tranquilo, como se a Guerra do Vietnã, que começou quatro anos antes, tivesse mostrado que não havia necessidade de pressa, que ainda havia muito tempo pela frente. Um ritmo muito diferente é apresentado no Seminário *De Um ao Outro*, onde os acontecimentos do Maio do 68 não quiseram dar trégua e onde Lacan deixa claro em mais de uma ocasião, durante estas aulas, que não teve tempo de parar.

Em ambos seminários, Lacan passa por significantes que deram nomes a diferentes épocas. Utilitarismo, Iluminismo, Aristóteles, Romantismo, para citar alguns. Hoje eu gostaria de me deter nas duas referências a George Simmel e sua teoria dos valores.

Considerado, com Durkheim, o fundador da sociologia, George Simmel é apresentado por Pierre Kaufmann o 2 de março de 1960, precisamente em relação a este campo de estudo. Esta aula focaliza uma crítica ao artigo de Siegfried Bernfeld "Comentários sobre a Sublimação". Neste texto, o autor afirma que Sigmund Freud apresenta e elabora a noção de "sublimação" como um conceito autônomo, intrínseco à psicanálise, independente de outros campos de estudo. Pierre Kaufmann retoma este artigo, não para estabelecer um acordo com seu autor, mas para justificar uma declaração de Freud onde ele comenta que a noção de "sublimação" é precisamente tirada da sociologia. Intrigado pelos sociólogos que poderiam ter influenciado as elaborações de Freud, Kaufmann dá especial atenção a George Simmel, onde ele encontra desenvolvimentos relativos à sublimação e sua relação com o valor estético da obra de arte. Vestígios da leitura de Simmel podem ser encontrados na história particularmente poética *Transitoriedade* de 1915, onde Freud enfatiza que o perecível da vida torna a beleza, a juventude e o tempo objetos altamente valiosos, altamente valorizados. Em *A Filosofia do Dinheiro* Simmel elabora sua teoria do valor e para isso ele parte de um tempo anterior, inacessível, uma cena do Paraíso onde sujeito e objeto, desejo e satisfação não estão separados. Vários fatores, incluindo a cultura, a

escassez do objeto, a necessidade de renúncia, produzem um distanciamento, um distanciamento que estabelece um sujeito e um objeto: o desejo permanecerá do lado do sujeito, e o valor do lado do objeto. Esta teoria do valor, à qual Lacan alude nos dois seminários acima mencionados, sustenta que a existência do valor é um fenômeno primordial em relação ao objeto e se refere ao primeiro dado da subjetividade. "Se existe valor, existe um sujeito", enfatiza o autor. O valor não é atribuído aos objetos, mas é uma atribuição dada pelo sujeito, e a intensidade do valor será dada pela distância entre o objeto e a possibilidade do sujeito de obtê-lo. Eu cito Simmel: "As coisas não são difíceis de obter porque são valiosas, mas são valiosas pela sua distância. [...] O valor de um objeto está em sua desejabilidade". Esta afirmação, creio, corresponde a um dos comentários que Lacan faz ao apresentar seu programa do seminário sobre ética, a saber: "Para dizer a verdade, podemos esperar que a análise freudiana estabeleça um pouco de ordem naquilo a que ela finalmente levou, nos últimos anos, a famosa, demasiado famosa, teoria dos valores, que permite a um de seus proponentes dizer que o valor de uma coisa é sua desejabilidade".

Se a análise freudiana trouxe alguma ordem para valorizar e a tirou da escala, é porque estabeleceu outra economia. Se o valor do dinheiro está na base da economia monetária, o valor do gozo está no início da economia do inconsciente. Por esta razão, Lacan retorna a Simmel em março de 1969. Desta vez, ele zomba um pouco seu público, que repete as idéias que o autor propõe ao respeito do valor da mulher. Vejamos do que se trata: o pensador alemão propõe uma evolução, exigida pelo avanço da cultura. Para isso, ele propõe um caminho que começa numa época governada pelo "princípio do sequestro", comparável ao do roubo de gado. Este período é superado pelo intercâmbio de mulheres entre tribos, sendo o intercâmbio de irmãs uma das formas mais comuns. Mais tarde e sempre devido a mudanças econômicas que produzem mudanças nas relações de troca, a mulher torna-se um objeto valioso e tem um preço de compra. Entretanto, o aumento da economia monetária finalmente generalizou o sistema do dote, que, embora tenha sido preservado em muitas regiões, transformou-se em um valioso enxoval que a família da noiva monta para o momento do casamento.

Estas mudanças no valor da mulher ao longo da história, segundo o autor, estão diretamente relacionadas às mudanças no modo de produção e sua relação com os meios de produção. Em outras palavras, Simmel explora os desenvolvimentos do valor da mulher à medida que ela passa do valor de uso para o valor de troca no intercâmbio social. Este parece ser um caminho de progresso, evolução e a distância da repetição. É por isso que Lacan coloca Simmel no idealismo, fazendo dele um defensor da idealização dos valores.

A economia freudiana elabora um aparelho regido por um princípio, o do prazer, que na busca de uma experiência de satisfação sem descanso, pode-se dizer absoluto, inscreve diferenças entre o prazer procurado e o prazer alcançado. Este aparelho tem a possibilidade de alucinar, colocando algo sobre a nada. E é a partir daí que podemos afirmar que existe um mundo e que este mundo está suspenso de nosso sonho do mundo. O sonho, enquanto condensação e deslocamento, já é uma interpretação, selvagem, vulgar, diz Freud, que será substituída por uma interpretação psicanalítica. Nestes termos eu penso sobre as intervenções de Lacan sobre alguns fatos e nomes históricos que parecem fora do campo psicanalítico e de nossa prática. Suas referências, variadas no tempo e no espaço, não têm nenhum traço de intenção sociológica, nenhuma delas procura explicar o fenômeno, nem a Aristóteles, nem às cruzadas, nem às viagens espaciais. Trata-se de um estilo excepcional com o qual Lacan orienta a clínica e excede o caso. Diante da teoria de Bergler de que o neurótico é um coletor de injustiças, criando um desejo de ser rejeitado, Lacan se volta para a Guerra do Vietnã, que ele toma como uma interpretação, e pergunta por que é tão desconcertante que um povo sonhe em ser rejeitado para não ser devorado. Ele volta-se para Simmel, em um momento em que recebe o apoio da maioria de seu público. Ele não explica, ele não desenvolve a filosofia de Simmel.

Ele adverte contra a superestimação do valor das ideias ao preço de excluir o valor do gozo que sustenta o sintoma. Nossas decepções também têm a cor de nossas ideias, e é em nome delas que cada época, incluindo a nossa própria, conjectura seu apocalipse. A atualidade que nos preocupa não é a da moda, que está sempre passando, mas a da re-actualização do trauma que volta cada vez, e esta repetição, cada vez, é cada vez o

fracasso da mesmidade. Caso contrário, a mesmidade torna-se o sonho de um mundo que não pode mudar e deixa-nos absorvidos ou inibidos, nostálgicos ou escandalizados diante da transitoriedade.